



ORÍGENES: UM ASCETA CONDESCENDENTE COM A MATÉRIA. A AMBIGUIDADE ESPIRITUAL-MATERIAL NA EXISTÊNCIA BEM-AVENTURADA

Ronaldo Amaral*

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

ronalduamaral@hotmail.com

RESUMO: A natureza tão controversa das formulações filosófico-teológicas de Orígenes de Alexandria, encontra, segundo nosso ponto de vista, um de seus maiores exemplos em suas especulações acerca da condição e do estado da existência bem aventurada. Este lugar, diferentemente dos demais Padres da Igreja, pode ser desde já especulado, segundo Orígenes. Constitui-se um lugar, ora indiferente a este mundo fenomenológico, ora muito consoante a sua natureza e condições; ora desvinculado da imagem do Paraíso Edênico, ora ele mesmo; ora um lugar de absoluta perfeição e estado espiritualizado, ora um lugar de diversidade de perfeições e de categorias de existir. A *apocatástasis*, já tão discutida, será aqui só a porta de entrada para a problemática mais exasperada, e que ela mesma introduz: a do estado e da condição da vida bem-aventurada em sua relação com a preexistência divina e com a existência mundana.

PALAVRAS-CHAVE: Orígenes de Alexandria – *Apocatástasis* – Preexistência divina – Existência Mundana

ABSTRACT: According to our point of view, one of the major examples of the very controversial nature of philosophical-theological formulations of Origen of Alexandria is his speculations about the condition and state of the blessed existence. To Origen this place can be speculated right now, differently of the other Fathers of the Church. It can be a place either indifferent from the phenomenological world, or connected to its nature and conditions. Sometimes it appears unrelated to the image of the Edenic Paradise. Other times it corresponds itself. Sometimes it looks a place of absolute perfection and spiritualized state. Other times it seems a place of diversity of perfections and categories of existence. The much discussed *apocatastasis* will be here only the gateway to a more exasperated issue, which introduces itself: the state and condition of the blessed life in its relation with the divine preexistence and with the secular existence.

KEYWORDS: Origen of Alexandria – *Apocatastasis* – Divine preexistence – Secular existence

* Pós-doutorado em História UNESP-Assis, FAPESP. Professor Adjunto do departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS.

COGNOCIBILIDADE DO ESTADO BEM-AVENTURA EM ORÍGENES: O FIM REVELADO PELO COMEÇO. A APOCATÁSTIS.

Tratar aqui na teologia de Orígenes e de suas diversas formulações acerca das realidades divinas, consiste em nossa premente tarefa, por sua vez, já bastante árdua. Orígenes,¹ filho do II século, foi senão o primeiro, o mais eminente edificador do cristianismo como uma religião enquanto tal, ou seja, que deveria gozar de uma teologia própria, e seu principal mérito foi conformá-la as correntes filosóficas de sua época, pois só assim poderia fazer frente a seus opositores e seus respectivos credos.² O tratado

¹ Orígenes, nascido em 185 ou 186 e falecido em 254 ou 255, nos pode ser dado a conhecer por algumas fontes, mais ou menos a ele contemporâneas, como um elogio dedicado por seu aluno Gregório Taumaturgo; o livro VI da História Eclesiástica de Eusébio de Cesárea e a Apologia de Orígenes escrito por Pánfilo, mestre de Eusébio de Cesárea e fonte para suas informações acerca de Orígenes. Alexandrino de nascimento, recebeu nesta localidade uma sólida formação helenística e cristã, esta última incentivada sobretudo por seu pai, cristão apesar de envergar alguma importância social e ser romano. Tornou-se discípulo de Clemente de Alexandria e ensinou durante algum tempo na escola de sua mesma cidade, dedicando-se tanto ao ensino da gramática quanto a catequese. Mesmo não sendo ordenado pela Igreja de sua terra natal, predicava nas liturgias e era consultado pelas autoridades eclesásticas. Sua vida fora marcada por práticas ascéticas rigorosas e por um trabalho intelectual que o fez produzir inúmeras obras, conciliar a filosofia clássica com o cristianismo, para que este pudesse fazer frente as especulações e reproches daquela. Suscitou ciúmes em seus contemporâneos cristãos, necessitando por isso deixar Alexandria e instalar-se em Cesárea onde recebeu acolhida de sua Igreja e foi ordenado sacerdote. Também suas obras custaram dissabores a seus seguidores posteriores, os monges palestinos origenistas no século IV, aja vista a condenação de muitas de suas proposições pelo concílio de Nicéia e pelo próprio Imperador que o presidiu. Defendeu o cristianismo frente às correntes filosóficas de sua época, muitas vezes rechaçando algumas das formulações destas, outras vezes conciliando ambos os pensamentos, o que dá a suas obras um caráter especulativo de teor bastante filosófico, ainda que a serviço de uma teologia nascente. Sobre Orígenes, suas fontes para seu conhecimento e a crítica a estas ver: CROUZEL, Henri. Orígenes. **Um teólogo controvertido**. Madrid: BAC, 1998. p. 5-56.

² Ver CROUZEL, Henri. **Origène et la philosophie**. Paris: Aubier, 1962. Orígenes comunga particularmente do pensamento de Platão, embora não o deixe de criticar. Aristóteles, os estóicos, estão freqüentemente em sua pena e são para ele matéria de argumentos a favor do cristianismo, ora pela contraposição total daqueles filósofos e pensamentos, ora pela utilização de alguns dos seus conceitos e formas adaptadas. Assim, por exemplo, como chama a atenção Crouzel, dos estóicos se aproveita de sua moral, a aceita, mas sua cosmologia e sua teologia são rechaçadas. Contudo, se a filosofia grega e principalmente algumas de suas escolas específicas são criticadas por Orígenes, a filosofia enquanto tal, em sua paixão e busca pelas verdades sempre permeadas de razoáveis ponderações e cautelas a afirmações absolutas e nada refletidas, esta sempre presente em Orígenes, a ponto de lhe custar a apostasia por parte da Igreja que defendia seus dogmas, verdades que não admitem questionamentos e usos de outras correntes de pensamento e considerações. Como esta explícito em sua obra Contra Celso, em que Orígenes critica e responde as acusações feitas por este pagão aos cristãos, a filosofia deve ser utilizada pelos cristãos, principalmente os de seu tempo para poder responder as indagações de ordem igualmente filosófica que se fazia a fé cristã e dar a ela uma base racional e argumentativa tão consistente quanto as demais correntes filosóficas de sua época, embora a revelação bíblica nunca tenha sobrepujado a razão filosófica, pois Orígenes tenta as conciliar para que caminhem lado a lado e não se anulem, assim se dando em sua teologia, apesar de conter algumas verdades inabaláveis, como aquelas extraídas das Sagradas Escrituras. Sua teologia é assim uma teologia de especulação, aja vista que deixa muitas questões abertas e proclama mesmo trilhar por soluções ainda não constituídas, como é o caso de sua cosmologia, aqui especialmente analisada e discutida e que deixa entrever esta atitude de Orígenes.

dos Princípios, como veremos, junto ao Contra Celso, constitui-se uma das suas principais obras que respeitam ao mundo divino, sua natureza e circunstâncias, uma vez que nele Orígenes oferece especial atenção e reflexão sobre sua cosmogonia e sua discutida teoria da apocatástases. Também fora considerado o seu trabalho mais intelectual, e por conseqüência, mais criticado, uma vez que encerrara as principais formulações bem pouco quistas aos olhos de muitos escritores dogmáticos de seu tempo e da posteridade, como teremos a oportunidade de evocar aqui e mais de uma vez. Este livro constitui-se sobretudo em uma obra de especulação, ainda que permeada por verdades bíblicas que Orígenes não questiona. Suas questões propostas permanecem muitas vezes tão abertas e repletas de possíveis respostas, portanto, de nenhuma em definitivo, que o filosófico se alça muitas vezes sobre o teólogo. Escrito em grego, não nos chegou até o presente nesta língua excetuando os capítulos 3,1, sobre o livre arbítrio e o 4,1-3 sobre a exegese escriturística.³ Possuímos, não obstante, este livro em sua íntegra por meio da tradução latina de Rufino de Aquiléia, que afirmou suprimir algumas de suas partes, principalmente as relativas a Trindade que considerou ser enxertadas por hereges; no entanto, cotejando com alguns de seus fragmentos em grego, muito dos quais enxertados em outras obras, que do Tratado dos Princípios nos informam só por estes entrecortados trechos, parece que a tradução latina pode ser em grande medida confiada segundo a crítica. Outras tantas traduções e comentários das obras de Orígenes devemos a São Jerônimo, o qual, em um primeiro momento, a teceu louvores, embora venha posteriormente a se constituir em um dos principais opositores dos origenistas, ou seja, dos adeptos do pensamento do alexandrino, monges que conviviam em sua mesma região.⁴

Destes breves comentários, passemos a analisar o tema de Orígenes que particularmente nos ocupa aqui.

A apocatástases de Orígenes, como discutiremos nas linhas vindouras, nos apresenta uma concepção e uma percepção do além divino, ainda muito sensível ao mundo ordinário, ou seja, àquele dos fenômenos terrenos e suas circunstâncias. O escritor alexandrino, conforme sentimos, formulou teológica e filosoficamente as principais características do mundo bem-aventurado vindouro; e mais, o localizou, o

³ CROUZEL, Henri. **Origène et la philosophie**. Paris: Aubier, 1962, p. 71.

⁴ São Jerônimo demonstra as contentas e dissabores entre ele e os monges origenistas por meio de algumas de suas cartas.

perscrutou, o antecipou, já que podia antevê-lo, pois seu estado, segundo ele, seria em grande medida o mesmo da preexistência.

Orígenes legou assim, mais que nenhum outro autor, uma certa cognoscibilidade do “incognoscível”, ou seja, um pretense conhecimento da realidade celeste de Deus, como sua substância, sua localização, sua certa e universal obtenção, etc. Como sabemos, a maioria dos padres da Igreja, sobretudo posteriores a Orígenes, virão a insistir que o mundo celeste, o paraíso que se instaurará depois do fim deste mundo, constitui-se apanágio de Deus, um mundo que há de vir e que as especulações humanas pouco o alcançaram.⁵ Mesmo o Éden, um Paraíso conhecido, portanto, especulável e matéria para inspirar àquele que havia de vir, ao menos pela pena de alguns comentadores, não podia, todavia, se prestar para tanto, pois já fora um paraíso “falido” e se encontrava na mesma materialidade do mundo, que significava e engendrava o pecado. Para Orígenes, ao contrário, o paraíso que vivenciariam os justos podia ser conhecido, pois nada mais seria do que a volta de um estado preexiste, em que o homem coexistia com Deus e em um estado de perfeição ainda mais elaborado e espiritualizado que o Éden bíblico.

Sabendo, então, que tal é o final, quando todos os inimigos serão submetidos a Cristo, quando a morte, o último inimigo, será destruída, e quando o reino seja entregue por Cristo (a quem todas as coisas estão submetidas a Deus Pai, contemplaremos, digo, desde o final o começo de todas as coisas.

Porque o final é sempre como o princípio; e, portanto, como há um fim de todas as coisas, devemos entender que houve um princípio, assim como há um final de muitas coisas, assim brotam de um princípio muitas diferenças e variedades, que uma vez mais pela bondade de Deus, pelo submetimento a Cristo e pela unidade do espírito santo, são chamadas a um final, que é como o princípio [...].⁶

Assim, o fim dos tempos pode ser conhecido para Orígenes, pois ele constitui-se naquilo mesmo que existira antes de todas as coisas terrenas, o tempo primordial de Deus, que o homem deixou de participar por seu livre-arbítrio, ainda que seu regresso seja certo e universal, como já observamos. O paraíso dos justos, que se atingirá depois

⁵ Ver, por exemplo, SAN JUSTINO. **Apologia II**, 6(7) 3, 8; e seguintes. **Padres Apologistas Griegos**. Introdução, texto grego, versão espanhola e notas de Daniel Ruiz Buenos. Madrid: BAC, 1954; SAN JERONIMO. **Epistola** 18, A 7. **Cartas**. Madrid: BAC. 1954, 2v; ainda Paulo 1 Ts. 5, 1-3.

⁶ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roperro. Barcelona: Clie, 2002. Livro I, 6, 2.

deste mundo, pode ser assim conhecido, pois é anterior e subsiste a este mundo terreno mesmo, é concomitante a ele e seu paralelo perfeito.⁷

Orígenes, defendendo a unicidade e a bondade de Deus frente aos gnósticos (dualistas) de seu tempo, marcionistas e valentinianos, entre outros, teria que explicar a desigualdade humana, os sofrimentos de uns e os gozos de outros, muitas vezes desde seus nascimentos, sem atribuir-lhes contudo a Deus, como mandava a lógica, já que Este seria a origem de tudo, portanto, destas próprias desigualdades mesmas, onde, em última instância, participaria o mal.⁸ Porque uns sofrem e outros possuem toda a sorte de bens, gratuitamente e desde seu nascimento? As diversas seitas gnósticas defendiam que as disparidades da natureza humana se deveriam a Deus; assim a Ele se deveria a causa e a existência do mal, o que implicava logicamente que, se Deus promovia o mal, era também sua fonte e conhecia sua natureza. Orígenes, como cristão que defendia a unidade e a bondade de Deus, teria assim que explicar a origem das disparidades, portanto do bem e do mal, sem atribuir o segundo a sua Divindade, já que era a origem de tudo e o bem por excelência. Nasce aqui a teoria da preexistência e graças a ela a da apocatástases.



Temos dito já muitas vezes, apoiando-lo com as afirmações que temos podido falar nas escrituras, que o Deus criador de todas as coisas é bom, justo é onipotente. Quando ele em um princípio criou tudo o que desejou criar, a saber, as criaturas racionais, não teve outro motivo para criar fora de si mesmo, isto é, de sua bondade. Agora bem, sendo Ele a única causa de todas as coisas, que haviam de ser criadas, e não havendo nele diversidade alguma, nem mutação, nem impossibilidade, criou a todas as criaturas iguais e idênticas, pois não havia nele mesmo nenhuma causa de variedade ou diversidade. Contudo, havendo sido outorgadas as criaturas racionais, como temos mostrado muitas vezes, a faculdade do livre arbítrio, foi esta liberdade de sua vontade o que arrastou a cada uma – das criaturas racionais – bem a melhorar-se com a imitação de Deus, bem a deteriorasse por negligência. Esta foi a causa da diversidade que há entre as criaturas racionais, a qual provém, não da vontade ou intenção do Criador senão do uso da própria liberdade. [...].⁹

⁷ Aqui Orígenes lança mão explicitamente do pensamento de Platão, na medida em que acredita este mundo feito a imagem de outro perfeito, superior, constituído em um Ser vivo e inteligível, e que, portanto, não assistiria nem começo e nem fim. Ver assim em Platão o diálogo com Timeu, VI, 30d; VII, 36b; X 37d; XI, 38 c. (PLATÃO. **Timeu**. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes e introdução de Hilberto Bitar. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.)

⁸ Sobre o pensamento dos valentinianos e principalmente dos marcionistas a respeito de suas concepções de bondade e maldade emanantes da divindade e os argumentos reprocháveis de Orígenes ver: CROUZEL, Henri. Orígenes. **Um teólogo controverso**. Madrid: BAC, 1998, p. 216-219.

⁹ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roper. Barcelona: Clie, 2002. Livro II, 9,6.

Segundo o alexandrino, Deus criou homens, anjos, demônios, participando todos de uma mesma natureza, sem distinção de nenhum gênero. Mas deu-lhe o livre arbítrio. Por este, alguns escolheram afastar-se de Deus, explicado muitas vezes pelo fastídio a sua contemplação. Assim, distanciando-se Daquela que constitui-se Luz, Perfeição e Espírito por excelência, acabariam por perder estas mesmas características e qualidades. Passariam da posse de corpos “cintilantes” etéreos, a corpos materiais e corruptíveis; de seres envoltos em luz, a seres agora suscetíveis a serem envolvidos pelas trevas; da perfeição, ainda que não a mesma de Deus, a imperfeição inerente ao próprio estado de ser no mundo e do mundo. Mas a existência terrena, a matéria, não é para Orígenes má em si mesma, como o eram para os gnósticos e para algumas correntes filosóficas como os pitagóricos e neo-platônicos, aliás, como aqui já comentamos.¹⁰ O mundo, segundo Orígenes, fora dado ao homem, depois de sua queda da preexistência, não para corrompê-lo em uma absoluta e irreversível danação, mas para educá-lo; isto é, embora fosse maligno, em alguma medida para o humano, não o seria em sua essência, de forma que poderia levar mesmo o homem a pecar, a ser tentado, a corrupção, mas não para perdê-lo, pois toda a criatura racional fora criada, por essência e direito, a voltar-se as coisas celestes, uma vez que, naquele lugar, por primícia e sustância, originado. O homem poderá assim, em mais ou menos tempo, mas de fato, superar a provação do mundo, escapando dos seus pecados ou purificando-se destes pelos sofrimentos da condição terrena. Teria toda a condição e direito de galgar o estado dos bem-aventurados, ou seja, o mesmo que ele deixou anteriormente, por seu livre arbítrio.

O fim do mundo, então, e a consumação final ocorrerá quando cada um seja submetido ao castigo por seus pecados; um tempo que só Deus conhece, quando ele outorgará a cada um o que merece. Pensemos, em verdade, que a bondade de Deus em Cristo, levará a todas as suas criaturas a um final; até seus inimigos serão conquistados e submetidos.¹¹

Linhas abaixo Orígenes explicará que o submetimento a Cristo em Deus Pai, possui o significado de salvação, de entrega a Sua bondade e participação em seu Reino.

¹⁰ Orígenes faz-se claro a este conceber em *Contra Celso*, negando a maldade como proveniente de Deus ou inerente a matéria, já que para ele a maldade provém da vontade livre dos seres humanos que engendram suas ações para este fim. O mal em si mesmo, desta forma, não existe para Orígenes, concepção, aliás, seguida pelos **padres** teóricos cristãos posteriores ORÍGENES. **Contra Celsum**. Introdução, tradução e notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: BAC, 2001. Livro IV, 66.

¹¹ Id. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roper. Barcelona: Clie, 2002. Livro I, 6,1

Mas os castigos pelos pecados são corretivos e não punitivos, pois ao fim todos se salvarão; não há em Orígenes a idéia de um lugar de castigo eterno e inextinguível, o que claramente lhe causou muitos reproches pela Igreja. O mundo, a existência terrena, é como um intervalo entre a vida bem-aventurada de antes e de depois, ou seja, a mesma, interrompida pela vida terrena que teria por objetivo último instruir e mostrar aos homens a superioridade daquela que perderam quando se encontravam na preexistência, podendo agora voltar para lá muito mais conscienciosos de todo aquele bem.

Os que foram tirados de seu primeiro estado de bem aventurança não foram tirados irreparavelmente, senão que foram colocados baixo a regra das ordens santas e benditas que temos descrito, para que servindo-se de sua ajuda estes sejam remodelados por seus princípios da disciplina, e assim possam recupera-se, e ser restaurado a sua condição de felicidade. Por isso sou da opinião, até onde posso ver, que esta ordem da raça humana há sido designada para que no mundo futuro, ou na era do porvir, quando será o céu novo e a terra nova, profetizada por Isaías, possa ser restaurada a esta unidade prometida pelo Senhor Jesus na sua oração a Deus Pai, em nome de seus discípulos [...].¹²

Insistamos; depois de passar por este mundo ordinário e material, o homem, salvo mais do que pela graça direta de Deus, por sua escolha em consenti-la, deixar-se-á conduzir-se e auxiliar-se no bem e em direção a este, para que possa novamente entrar no estado da bem-aventurança, que longe de ser um estado e um lugar inaudito, seria sua mais antiga e primeira morada, aquela de antes da queda.

[...] e opino em verdade que já que a consumação final dos santos será no reino “do invisível e o eterno” (2Cor.4,18) , temos que concluir, como freqüentemente temos assinalado nas páginas precedentes, que as criaturas racionais tiveram um momento inicial semelhante ao que será aquele momento final, e que seu começo foi semelhante ao fim que lhes espera , em sua condição inicial existiram no reino “do invisível e eterno” [...].¹³

Daqui, pode-se compreender o conceito de apocatástases, ou seja, retorno, restituição dos homens a sua condição original. Insistamos também, que a apocatástases, é universal, pois todos em tudo voltarão ao Criador. Deste modo, por mais que defenda Orígenes o livre-arbítrio, este tem, por assim dizer, um caminho único e imperativo, o da escolha do bem, à volta a Deus. A bondade de Deus e o estado primogênito do

¹² ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roperro. Barcelona: Clie, 2002. Livro I, 6, 2.

¹³ Ibid. Livro III, 5, 283.

homem, ou seja, aquele de perfeição igual a dos anjos, dada a ele quando estava no início de tudo, conduziria e se imporia necessariamente até mesmo ao seu livre-arbítrio. O homem pode escolher os caminhos, mais ou menos difíceis, mais ou menos distantes, mas seu ponto de chegada será necessariamente o de partida, o seio de Deus, pois foi criado bom, embora sua bondade não seja tão perfeita quanto a de Deus.

Conseqüentemente devemos supor que na consumação e a restauração de todas as coisas, quem alcançam um avanço gradual, e quem ascendam a escala da perfeição, chegaram na medida prevista e ordenada, àquela terra e àquela educação que representa, onde possam ser preparados para melhor instituições as que nenhuma adição pode ser feita [...].¹⁴

O atingimento do paraíso será gradual, como seu mesmo estado, pois parece que para Orígenes estaria composto por diversos estados de perfeição. Mas, de qualquer forma, todos os homens a ele chegarão, pois por mais que o livre-arbítrio tenha o separado daquele estado, não pode mudar sua natureza nem sua direção imperativa e estabelecida para ele. Uma vez que todos foram criados tendo uma mesma natureza, ou ainda, seres bons, e para este fim, Orígenes conjectura inclusive a salvação do diabo, a menos que a insistência no erro, no mal, na não existência, possa converter-se de atitude desviante em natureza.¹⁵

O ALÉM EM ORÍGENES: A NATUREZA TEMPORAL

Orígenes vivia, como sabemos, em Alexandria, lugar demasiado tomado pela cultura helenística e suas cosmovisões, uma vez que, esta mesma cidade, era

¹⁴ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Ropero. Barcelona: Clie, 2002. Livro III, 6, 9.

¹⁵ Ibid. Livro I, 5,6. Segundo Orígenes, o diabo fora criado sem mancha como todas as inteligências na preexistência, perdida pela queda causada pelo livre-arbítrio. Assim, mesmo tendo sido o mais preeminente entre os rebeldes contra a natureza de Deus, pode, por sua natureza primordial, também ser salvo e voltar-se “aquele estado de bondade inicial”, embora a bondade em essência somente se considera apanágio de Deus. Mas Orígenes também conjectura a possibilidade de a insistência no erro, na apostasia, enfim, no afastamento do bem em direção a uma existência maligna, poder vir a converter-se natureza mesma, ou seja, a índole, por si mutável e variável, poder tornar-se um estado definitivo, na medida em que elege e pratica-se, tenaz e insistentemente, uma de suas tendências; assim obrando-se mal por inteireza de tempo e intenções, um espírito essencialmente bom, como o diabo, pode converter-se em um espírito mal. De toda forma, a conversão e a salvação do diabo foram uma das teorias de Orígenes que mais dissabores lhe causaram a sua memória, principalmente no século IV, em função dos anátemas aos origenistas.

considerada a capital cultural e intelectual do helenismo oriental, sobrepujando qualquer outra localidade do Ocidente.¹⁶

A partir deste local, época, e tradição, não nos estranharia que muitos dos contemporâneos de Orígenes aceitassem a concepção cíclica do tempo, a qual Orígenes, como cristão cioso de sua fé, não comungava definitivamente. Aliás, mais do que não comungar combateria veementemente, pois um tempo cíclico, de múltiplos e indefinidos retornos a um mesmo estado e as mesmas situações, colocava em causa uma de suas afirmações mais absolutas e recorrentes – o livre-arbítrio.¹⁷ Como vimos, ainda que para Orígenes, o homem estivesse destinado a um fim preciso e dado, à salvação, ao retorno a seu estado bem-aventurado da preexistência, a direção e o caminho que teria que trilhar neste mundo, em direção àquele estado primevo, só a ele caberia decidir e empreender; em função disso, alguns atingiriam o paraíso com maior ou menor facilidade, maior ou menor rapidez, ou ainda, maior ou menor estado de perfeição paulatinos. O fim era o mesmo, mas o meio dependia da disposição e das escolhas de cada qual.

Tal possibilidade de livre-arbítrio, de escolhas pessoais, ainda que em direção a um mesmo fim, não poderia dar-se no tempo do eterno retorno, pois este como um todo, já estaria dado e minuciosamente estabelecido deste os primórdios e em todas as suas circunstâncias.¹⁸ Todos os atos, acontecimentos, circunstâncias, aconteceriam tal qual já acontecera, inclusive nos primórdios. Todas as pessoas seriam de novo e realizariam as mesmas coisas, construiriam suas mesmas realidades da mesma forma que fora antes e da mesma forma que será no futuro, ou seja, o futuro seria a presentificação eterna de uma mesma realidade. Mas Orígenes, por outro lado, crê que possa haver existido outros mundos para além do presente mundo, e que a existência destes novos mundos, de novos séculos, ainda possam se dar. Assim, ao mesmo tempo em que nega o templo cíclico da repetição eterna de um mesmo cosmos, afirma a existência de mundos diversos e sucessivos.

¹⁶ A este respeito pode-se ver JAEGER, Werner. **Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega**. Lisboa, edições 70, 2002.

¹⁷ Assim se expressa em *Contra Celso*. Livro IV 66. Se todas as coisas estão dadas deste o princípio e sucederão como já o foram e indefinidamente, não só não poderia existir o livre-arbítrio, como a própria noção de tempo e salvação cristã. O tempo cristão esta intimamente ligado a história sagrada da revelação de Deus na, e para a humanidade, sobretudo com a encarnação de Cristo. A história da revelação de Deus para a humanidade é única, portanto único seu tempo, o tempo da salvação, que vai desde o início deste mundo a sua finalização quando da instauração do mundo de Deus.

¹⁸ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roperro. Barcelona: Clie, 2002. Livro II, 3,4.

Quanto aos que afirmam que se produzem todas às vezes mundos semelhantes e iguais em tudo, não sei em que prova se apóiam [...] Mas não creio que aja razão nenhuma para afirmar isto se as almas são conduzidas pela liberdade de seu arbítrio e tanto seus progressos como suas caídas dependem do poder de sua vontade. Porque as almas não são conduzidas ao cabo de muitos séculos aos mesmos círculos em virtude de uma revolução determinada, de sorte que tenham que fazer ou desejar isto ou aquilo, senão que dirigem o curso de seus feitos ali onde usa a liberdade de sua própria natureza [...] Do mesmo modo me parece impossível que possa dar-se tal mundo em que tudo sucede na mesma ordem, e cujos moradores nasçam, morram e atuem da mesma maneira que em outro. Mas creio que possam existir diversos mundos com não mínimas variações, de sorte que por causas manifestas o estado de tal mundo seja superior, ou inferior, ou intermediário respeito aos outros. Enquanto ao numero ou medida destes mundos, confesso que os ignoro; se alguém puder mostrar-los a mim eu aprenderia com muito gosto dele.¹⁹

No entanto, em outro momento, e no mesmo Tratado dos Princípios, afirma que o mundo vindouro, o do restabelecimento de tudo em Deus e em sua perfeição, será um estado definitivo, dando a entender ser um tempo por excelência, pois a ele não sucederão outros. O tempo da restauração não é assim mais um tempo entre tantos outros, ou seja, mais um século, mais um mundo circunscrito por um quinhão de tempo, mas é Deus mesmo,²⁰ o tempo e o espaço por excelência, portanto, sua total ausência. O mundo da restauração é o próprio Deus, onde tudo estará nele e em definitivo, não podendo assim haver qualquer mensuração de tempo ou espaço. Não pode ser considerado nem o fim dos tempos, nem mesmo o tempo primordial, tempo por excelência, pois há aí uma total ausência deste conceito e desta percepção – o tempo – pois é o absoluto, é o existir no próprio seio de Deus.

Mas se há algo maior que os séculos, de sorte que os séculos se entendam como criaturas, mas que se considere como de outra índole aquilo que excede e sobrepassa as criaturas invisíveis (o qual talvez terá lugar na restituição de todas as coisas, quando o universo inteiro chegue a um fim perfeito), é possível que deva estender-se como algo mais que um século aquele estado no qual terá lugar a consumação de todas as coisas [...] aquela condição em que já não estarão todas as coisas no século, senão todas as coisas em Deus.²¹

¹⁹ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Ropero. Barcelona: Clie, 2002. Livro II, 3,4.

²⁰ Novamente comunga aqui do pensamento de Platão que demonstra ser o mundo ideal, modelo do mundo dos fenômenos, mais do que uma causa do Criador, Ele próprio, pois “sempre existiu e nunca teve principio”. PLATÃO. **Timeu**. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes e introdução de Hilberto Bitar. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001. V, 28 a.

²¹ ORÍGENES, 2002, op. cit. Livro II, 3,5.

Contudo, este mundo da restauração, o paraíso, não é para Orígenes um lugar inteiramente espiritual, que desconheça toda forma e mutação. Novamente nos encontramos diante das muitas formulações contra-sensuais e não concluídas de Orígenes, próprias, aliás, do caráter filosófico que se mescla a sua teologia, o mesmo que causou tantos anátemas, ainda que sobre seus defensores dois séculos após sua existência, os monges origenistas da Síria e Palestina. Como veremos, páginas adiante, Orígenes parece bastante condescendente com a materialidade deste mundo, pois esta continuaria, em alguma medida e natureza, a subsistir no mundo da preexistência restaurada, embora se revestisse de um teor mais espiritual. Assim, para Orígenes, uma existência em essência espiritual, livre de toda forma e substância, só se deve a Deus; o homem, mesmo o eleito que se estabelece no estado deificado não pode confundir-se, amalgamar-se a Deus mesmo, ou seja, estabelecer-se em uma condição de panteísmo, pois o ser humano é por essência diferente do Criador, e mesmo se a natureza de sua matéria corporal ver-se limpa e purificada, “feita totalmente espiritual”, ela não poderá unir-se consubstancialmente a Deus, pois o Criador participa de um estado de perfeição próprio.²² Orígenes nega aqui o panteísmo, próprio de algumas cosmovisões de seu tempo, que acreditam que Deus estaria em todas as coisas e todas as coisas Nele.²³ Para os cristãos, o mundo era criatura, não podendo assim se confundir com seu Criador, que de alguma forma se reduziria ao conforma-se com o mundo que se constitui em matéria, por natureza cerceada por limitações, passível de corrupção e de um findar-se. E mesmo Orígenes, que nos dá uma visão bastante positiva do mundo, uma vez que não vê nele mal intrínseco, mas tão só o meio para a condução da maldade, originada das condutas humanas, angélicas ou demoníacas, não pode condescender que Deus se conforme com as imperfeições, tanto as sensíveis como as espirituais, que o mundo encerra. E nem mesmo no mundo da preexistência restaurada, pode ser Deus tudo em todos, de forma que, mesmo aquele lugar de perfeição estará sempre matizado por diferenças e mutações. Assim, Deus será tudo em todos, enquanto todos signifiquem cada indivíduo

²² ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Ropero. Barcelona: Clie, 2002. Livro III, 6, 2 e seguintes

²³ ORÍGENES. **Contra Celsum**. Introdução, tradução e notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: BAC, 2001. Livro V, 7; Livro VI, 71. Ainda que o pensamento cristão veja Deus como espírito não pode comungar do pensamento dos estóicos gregos, segundo os quais Deus é um espírito que penetra em tudo e tudo contém em si mesmo, pois desta forma teríamos uma confusão entre criatura e Criador, seres de substância e grau de perfeição distintas de acordo com o cristianismo, sendo o Criador perfeito em tudo, portanto inconcebivelmente irreduzível a formas e substâncias corruptíveis e limitadas, as criaturas.

e não uma só realidade e substância Nele. E, deste modo, se expressa “Sou da opinião de que a expressão, pelo que se disse que Deus será ‘todas as coisas em todos’, significa que ele é ‘tudo’ em cada pessoa individual [...]”.²⁴

Deus será tudo em todos no mundo perfeito restituído, na medida em que não mais subsistirá a diferença de opiniões, a maldade. Assim, onde tudo será bem, Deus será tudo, embora não signifique que todos, mesmo no sentido de cada um, seja Deus mesmo, como acreditavam os panteístas, sobretudo neste mundo. Contudo, este estado de maior perfeição dos homens no mundo restituído, ou seja, no paraíso, não significaria a obtenção definitiva do estado de perfeição, pois mesmo lá vigera uma aprendizagem que deva conduzir a um grau de perfeição cada vez maior. Portanto, o paraíso é constituído por graus de perfeição que ditam o igual estado dos que deles participam, e não um estado único, unívoco e definitivo para todos.

O ALÉM EM ORÍGENES: GEOGRAFIA E ESPAÇO.

Orígenes se pergunta sobre o estado físico do mundo vindouro e, sobretudo lendo a Paulo, formula suas idéias a este respeito, lembrando recorrentemente as palavras do apóstolo, que afirma que o mundo de Deus esta edificad nas coisas que não se vêem, em contraposição ao mundo atual, cuja natureza é temporal, visível e que passa (2 Cor.4,18), insistindo sempre assim na aparência deste mundo que passa (1Cor.7,31).

Orígenes, cujo apego, senão a matéria, a materialidade e sua perduração, como aqui já insistimos, não conseguirá desprover o mundo da restauração de todo aspecto físico. Ainda que lesse em Paulo, e em passagens veterotestamentarias, sobre o passamento da substância e da aparência deste mundo, e, portanto, de suas respectivas ausências no mundo que há de vir, afirma:

Porque se o céu a de ser mudado, sem dúvida o que é mudado não falece, e se a aparência do mundo passa, não é em nenhum caso uma aniquilação ou destruição de sua substância material o que há de ter lugar, senão uma espécie de mudança de qualidade e transformação de sua aparência [...].²⁵

²⁴ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roper. Barcelona: Clie, 2002. Livro III, 6,3.

²⁵ Ibid. Livro I, 6,4.

Disto decorre que no além de Orígenes haverá certo grau de diversidade,²⁶ assim como haverá diversidade de estados e condições.

Orígenes se interroga sobre o conceito “mundo” “*kosmos*” e, ao fazê-lo, se pergunta sobre a relação do presente mundo com o mundo vindouro. Prefere novamente a consonância de ambos os mundos a uma total oposição, e isto, mesmo quanto as suas naturezas. Assim, e ainda que aja adotado muito do platonismo, ou neoplatonismo, em inúmeras de suas formulações, neste caso específico o nega, pois para Orígenes não pode existir um mundo, mesmo o de Deus, desprovido de toda forma e substância. Deste modo, não comunga inteiramente com a teoria platônica, tão bem quista do cristianismo, do mundo das idéias, onde suprida todas as formas, ou contida todas elas em possibilidade, reinaria a perfeição espiritual. O paraíso é necessariamente para Orígenes, tendo em mente as circunstâncias do humano e das substâncias, mais do que um não lugar, um lugar. Assim ao comentar as palavras de Cristo “Eu não sou deste mundo” (Jo. 17, 16) nosso autor toma o cuidado de advertir que não se deva pensar que ele falava de em um outro momento e estado absolutamente distinto deste, como o mundo das idéias dos platônicos “[...] e é por esta razão, porque a risco de fazer pensar há alguns que afirmamos a existência de certas imagens que os gregos chamam idéias, quando é alheio por completo a nossa intenção falar de um mundo incorpóreo, consistente na só fantasia da mente ou na inconstância dos pensamentos[...].”²⁷ E mais, considerando que o mundo, *kosmos*, recobre toda a esfera celeste e nada poderia haver para além dela, o próprio mundo dos eleitos encontra-se no mesmo âmbito existencial do mundo presente.

Contudo, não é duvidoso que o Salvador indica algo mais preclaro e esplêndido que o mundo atual e que incita e anima aos crentes a inspirar a ele. Mas se este mundo que quer dar a conhecer esta separado ou muito afastado deste pelo lugar, a qualidade ou a glória, ou se, sendo muito superior ao nosso em qualidade e glória, está contido, contudo, dentro da circunscrição deste mundo (o qual a mim parece mais verossímil) [...].²⁸

Orígenes acredita que o paraíso, o mundo restaurado da perfeição, não pode existir em um lugar totalmente transcendental, em uma outra dimensão existencial,

²⁶ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roper. Barcelona: Clie, 2002. Livro II, 1,3.

²⁷ Ibid., 3,6. Platão chama o mundo do Criador, que é ele mesmo, de o “imutável e sempre igual a si mesmo”. (PLATÃO. **Timeu**. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes e introdução de Hilberto Bitar. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001. V, 29 a.)

²⁸ ORÍGENES, 2002, op. cit. Livro II, 3,6.

efetiva e totalmente estranha a realidade presente. O paraíso, a terra dos justos, está circunscrito e endereçado no universo no qual a terra presente participa. A esfera celeste, que contém tudo, todos os mundo possíveis, encerra assim, o nosso mundo concomitante ao dos justos, portanto, este último ganhando uma existência tão efetivamente concreta, endereçada e localizável, quanto o mundo humano. A mesma esfera que contém e abraça esta Terra, também o faz em relação ao paraíso dos justos

[...] do mesmo modo que entre nós o céu contém com sua magnitude imensa e âmbito inefável todo o que se acha debaixo dele, abraça com seu contorno grandioso os espaços de todas as esferas, de sorte que todas as coisas estão dentro dela como nossa terra está debaixo do céu. E essa esfera é também, a que se crê que é nomeada pelas Sagradas Escrituras como “terra boa” e “terra dos viventes”, tendo seu próprio céu, que está sobre ela no qual disse o Salvador que estão ou são escritos os nomes dos santos, céu pelo que está limitada a terra que o Salvador no evangelho prometeu aos mansos e humildes (Mt. 5,4). [...] as coisas que são não só não se vêem, senão que tampouco tem uma natureza da qual possam ser vistas, e os gregos as chama *aswmata*, isto é, incorpóreas; enquanto que as coisas das quais disse Paulo “que não se vêem” têm, certamente, uma natureza que lhes permite ser vistas, mas, como ele explica, não são vistas ainda por aqueles a quem são prometidas.²⁹

Orígenes, nem mesmo consente em ver este mundo como um lugar entregue e suscetível a uma total corrupção, como se percebe ordinário entre os padres gnósticos e aqueles tendentes a esta visão, os neoplatônicos e outras escolas filosóficas de **sua época**, pois afirma que a vontade de Deus o subtrai desta degenerescência.³⁰

Apesar de Orígenes distinguir o atual mundo do mundo de Deus, do mundo dos eleitos, não o faz absolutamente, pois participam de um mesmo lugar geográfico e criacional, ambos estão encerrados em um único e todo criado. Insistamos, o paraíso é para Orígenes um lugar bastante cognoscível e exequível, e não um mundo totalmente ideal, como para os platônicos, ou inaudito, insondável, imperscrutável, como para os padres posteriores, como Jerônimo.

Mas Orígenes, por outro lado, como já dissemos, vê o paraíso como um lugar de estados de perfeição gradativos, constituídos para receber os eleitos de acordo com seus méritos e auxiliá-los, mesmo já no além, para que atinjam a máxima estadia na perfeição. Assim, comentando as palavras do Senhor “[...] bem aventurados os mansos, porque possuíram a terra. Bem aventurados os pobres de espírito, porque seu é o reino

²⁹ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roper. Barcelona: Clie, 2002. Livro II, 6.

³⁰ Ibid. Livro II, 3,6.

dos céus [...]” (Mt.5;5,3) entende que a “terra” é o primeiro escalão da perfeição e os “céus” o mais perfeito deles. Talvez vejamos aqui alguma depreciação de Orígenes ao estado material, pois a “terra”, mesmo a prometida, parece inferior aos “céus”, embora não discorra sobre o estado deste último em relação à primeira.³¹

Esta “terra” parece ser para Orígenes aquela do princípio, ou seja, o paraíso do Éden, embora para ele surgido após o estado da preexistência. E diante desta ordem cronológica e hierárquica de perfeição, conclui-se, portanto, que o segundo não se constitui propriamente na expressão máxima do *ser* paraíso, uma vez que o estado perfeito por excelência é aquele da preexistência, mais espiritual. No entanto, e talvez para não desdizer a tradição bíblica do Genesis, afirmará de maneira ambígua, que o Éden poderá se restabelecer enquanto lugar dos justos.

‘No princípio Deus criou o céu e a terra’ (Gen. 1,1), este é o começo de toda a criação; a este começo deve referir-se o fim e a consumação de todas as coisas, a saber, que o céu e a terra possam ser o lugar e a última morada do descanso dos justos; de modo que todos os santos e mansos possam herdar a terra, já que esta é o ensinamento da lei, dos profetas e do evangelho [...] Pelo que me parece que nesta terra a lei foi uma espécie de mestre para os que iam a ser levados a Cristo, de modo que sendo instruídos e exercitados por ela, pudessem receber depois com muitas mais facilidade os princípios mais perfeitos de Cristo; assim também, a terra receptora de todos os santos, pode primeiro inculcar-lhes e modelar-lhes mediante as instituições da lei verdadeira e eterna, para que possam tomar uma mais fácil posse das perfeitas instituições do céu, as que nada se pode acrescentar. Alí estará, certamente, o Evangelho que se chama eterno, e aquele testamento, sempre novo e nunca velho.³²

Percebe-se que, para Orígenes, o paraíso não só se o pode conceber como terreno, porque já o fora quando no início do mundo, pelo advento de Éden, mas porque pode voltar a ser nas mesmas condições as do Gênesis, senão nele mesmo. A “terra” reservada aos justos pode-se constituir nesta mesma e atual terra e neste mesmo e presente céu, como afirma na antecedente citação aqui transcrita, embora, nesta mesma citação, afirme que o estado perfeito reside no “céu”, ou seja, em um estado menos materializado.³³ Orígenes, como percebeu Henri Crouzel, não conclui muitas de suas

³¹ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Ropero. Barcelona: Clie, 2002. Livro II, 7.

³² Ibid. Livro III, 6,8.

³³ Em *Contra Celso* Orígenes cita inúmeras passagens bíblicas que insistem que o mundo bem-aventurado constitui-se em uma “terra”, assim a terra boa, a terra dos justos, a terra dos eleitos. Vê-se que a percepção de terra, espaço sensível e terreno, é para Orígenes uma “realidade” demasiado extraterrena, pois o espaço dos bem-aventurados é, sobretudo, uma terra com suas situações próprias, no

afirmações, deixa-as ao alvedrio do leitor concluí-las, ou simplesmente se perde em ilações; é antes de tudo um filósofo discorrendo sobre teologia, do que um teólogo que fecha suas questões em nome das verdades da fé ou do cânone da Igreja (**que aliás inexistente nesta época**). Mas, das reflexões de Orígenes acerca de sua cosmologia, tanto do presente mundo como do mundo perfeito que há se restabelecer-se, interessa-nos precisar que privilegiou uma visão de pouca cisão entre as realidades humanas e divinas. Afirmou, com pouca clareza, é verdade, que ambos os mundos não seriam tão dispares assim, insistindo na materialidade e em uma certa perdurabilidade das realidades humanas no âmbito divino, a ponto de localizá-lo físico e geograficamente, ainda que impreciso temporal e espacialmente, nesta dimensão terrena mesma.

Se geográfico e fisicamente o paraíso de Orígenes – ou pelo menos aquela terra bem aventurada que antecede o reino dos céus propriamente dito, mas de qualquer forma igualmente sagrada e já partícipe da convivência com a divindade cristã – pode ser localizado e afirmado como um *locus* sensível, encerrador de circunstâncias análogas a existência terrena, isto se dá e se confirma graças as mesmas características que atribui a substância e a qualidade do corpo ressuscitado. Chegará a afirmar que, se o corpo envolve a alma em nosso estado atual, no paraíso a alma revestirá o corpo, de modo que este não se perderá mais e se transformará. Assim para Orígenes a “[...] natureza corpórea, que é suporte da vida das mentes espirituais [...]”³⁴ deverá perdurar eternamente no paraíso, pois a alma deve estar unida ao corpo, embora este último, como veremos, perdure em razão de sua transformação.

Comentando a Paulo em sua primeira carta aos coríntios “[...] Porque é preciso que o corruptível se revista de incorrupção e este ser mortal se revista de imortalidade [...]” (1Cor. 15,53) afirma que o ser corruptível e mortal se refere a matéria corporal, embora esta possa também permanecer revestida pela alma e pela incorruptibilidade.

Por conseguinte, esta matéria do corpo, que agora é corruptível, se revestirá de incorrupção quando a alma, perfeita e instruída nas provas da incorrupção, comece neste estado a servir-se dela. E não o estranhes se chamamos de roupagem do corpo a alma perfeita que a causa do Verbo de Deus e de sua sabedoria recebe aqui o nome de incorrupção [...] Por conseguinte, da mesma maneira que Cristo é a roupagem da alma assim também, por uma razão compreensível, se disse que a alma é a roupagem do corpo, e em efeito, é um ornamento

entanto, permeada e constituída por uma natureza divinizada, espiritualizada. ORÍGENES. **Contra Celsum**. Introdução, tradução e notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: BAC, 2001. Livro VII, 28,29.

³⁴ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Roperro. Barcelona: Clie, 2002. Livro II, 2,1.

seu que vela e cobre sua natureza mortal. Isto é o que significa ‘é preciso que o corpo se revista de incorrupção’, como se dissesse que é necessário que esta natureza corruptível do corpo receba uma roupagem de incorrupção, uma alma que tenha em si a incorrupção por haver-se revestido de Cristo, que é a sabedoria e o Verbo de Deus. E quando este corpo que alguma vez teremos glorioso, participe da vida, então ascenderá ao que é imortal, de modo que se fará também incorruptível; mas não porque uma coisa possa ser chamada imortal. Assim dizemos certamente que a pedra e o lenho são corruptíveis, mas não podemos dizer em consequência que são mortais [...].³⁵

A citação, ainda que já demasiadamente longa, poderia estender-se muito mais, dado o caráter argumentativo e exegético da discussão de Orígenes. Mas de qualquer forma, percebemos que nosso autor insiste na perseverança do corporal mesmo no além, e por mais que admita que o corpo seja corruptível, insiste que isto não o desabona de ser imortal, pois se revestirá de incorrupção, revestido pela alma. Se aqui, neste mundo, temos uma alma revestida pelo corpo, em outro mundo, termos um corpo revestido pela alma, isto é, ambas as circunstâncias e substâncias subsistem, embora em ordem e qualidades não precisamente similares. Sublinhemos, em deferência a nossa causa, mais uma vez, a insistência de Orígenes em demonstrar um paraíso que não cindi com este mundo, mas encontra com ele um ponto interpenetração, um lugar de intersecção, constituído de ambas as realidades concomitantemente, mas que já não é nenhuma das anteriores, absoluta e efetivamente. O paraíso não é assim para Orígenes a total antítese deste mundo, não pelo menos àquele designado por a “terra dos justos” como vimos. Deste modo, participa do mundo, na medida em que o transfigura, ainda que não o deixe de ser na essência, como acontecerá com o próprio corpo. Mundo terreno e Paraíso, são para Orígenes, mais do que dois contrários, duas realidade que se imbricam por um ponto comum, a presença de Deus e do homem nele.

³⁵ ORÍGENES. **Tratado dos Princípios**. Tradução e adaptação de Alfonso Ropero. Barcelona: Clie, 2002. Livro II, 2,2.